

“EU ACHO QUE CRESCENDO NÓS VEMOS CERTOS CORPOS E CERTAS RAÇAS TENDO MAIS EXPOSIÇÃO E ATENÇÃO E VOCÊ PENSA: ‘AH ISSO QUE É BELEZA, COM ISSO QUE VOCÊ PRECISA SE PARECER.’” – DISPUTAS, NEGOCIAÇÕES E (RE)CONSTRUÇÕES DAS MASCULINIDADES ENTRE O ONLINE E O OFFLINE

José Rodolfo Lopes da Silva¹

Resumo

O presente artigo busca problematizar as formas que sujeitos homossexuais vêm aprendendo, em meio a discursos, negociações, disputas e resistências, a (re)construir suas subjetividades, desejos e se organizar enquanto sujeitos em uma sociedade em que a heterossexualidade é ensinada como a norma. Através da análise de um episódio da série virtual *What The Flip*, em que dois usuários do *Grindr* discutem sobre suas experiências no aplicativo de encontros amorosos/sexuais, convido a reflexão de como diferentes processos sócio-histórico-culturais vêm administrando e produzindo a sexualidade desses indivíduos. A cultura vem tomando dimensões em nossa sociedade e sendo considerada também como constitutiva das identidades, dos sujeitos e de suas subjetividades. Produções que tragam discursos que abarquem diversidades e diferentes narrativas possibilitam que sejamos educados com outras histórias e ações sejam realizadas para que processos sejam pensados e (re)construídos no *online* e *offline*. Como abordagem teórica para a discussão trago contribuições das Ciências Sociais e Educação e o conceito de “dispositivo da sexualidade” de Michel Foucault.

Palavras-chave: Homossexualidades; Grindr; Encontros; Desejos; Cultura.

“I think that growing up we see certain bodies and certain races having more exposure and attention and you think: ‘Ah this is beauty, what you need to look like.’” – disputes, negotiations and (re) constructions of masculinities between online and offline

Abstract

This article seeks to problematize the ways that homosexuals have been learning, in the midst of speeches, negotiations, disputes and resistance, to (re)construct their subjectivities, desires and organize themselves as subjects in a society in which heterosexuality is taught as the norm. Through the analysis of an episode of the web series *What The Flip*, in which two users of *Grindr* discuss their experiences in the dating app, I propose reflections on how different socio-historical-cultural processes have been managing and producing their sexuality as individuals. Culture has taken on dimensions in our society and is also seen as part of what constitutes identities, subjects and their subjectivities. Productions that bring discourses that embrace diversity and different narratives allow us to be educated with other stories and actions to be carried out so that processes are thought and (re) constructed online and offline. As a theoretical approach to the

¹ Mestre em Educação. Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF, Brasil). Especialista em Relações de Gênero e Sexualidades. Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF, Brasil). E-mail: jrodolfoledes@hotmail.com

"*Eu acho que crescendo nós vemos certos corpos e certas raças...*"

discussion I bring contributions from Social Sciences, Education and Michel Foucault's concept "dispositif de sexualité".

Key-words: Homossexualities; Grindr; Dates, Desire; Culture.

Introdução

A partir do trecho que intitula este texto, de um usuário do aplicativo *Grindr*², proponho refletirmos acerca da produção de sujeitos homossexuais, suas subjetividades e desejos. Atribuo o caráter de multiplicidades uma vez que nos (re)construímos a partir de diferentes marcadores sociais – gênero, sexualidade, geração, classe, cor/raça, entre outros – fazendo com que pensemos nas homossexualidades como (re)construções, que vêm passando por suas negociações, disputas, relações e resistências. Vivemos um momento em que a *web 2.0*, as redes sociais e aplicativos tornaram-se parte do cotidiano de alguns/mas – trazendo outros elementos para pensarmos a forma como nos produzimos e produzimos o/a outro/a. Assim, busco tencionar e me debruçar acerca dos efeitos sócio-histórico-culturais, assim como das relações de saber-poder entre homens que se relacionam afetivo-sexualmente com outros homens. Intento problematizar sobre as diversas, constantes e contingentes formas como aprendemos a construir/construímos nossos desejos, que aprendemos também a nomear como "gostos pessoais". Refletir sobre como isso vem organizando homens, que utilizam o aplicativo com o intuito de encontrar homens para atividade afetiva, sexual e/ou amizade, em grupos, sociedade e enquanto sujeitos, assim como quais subjetividades vêm sendo (re)produzidas em interações com o social e consigo mesmo são questões que busco trazer neste artigo.

Para tal me ancoro em autores/as que buscam uma perspectiva relacional de gênero (BADINTER, 1993; CONNELL, 1995, 2005; HALL, 1997; PERLONGHER, 2008; MISKOLCI, 2013, 2014a, 2014b; BUTLER, 2003, 2007) e também aciono o conceito de "dispositivo da sexualidade" (FOUCAULT, 1979) para problematizar sobre a produção e administração da sexualidade em diferentes contextos. Como objeto de análise proponho um vídeo da série virtual *What The Flip*. Para construção deste processo busco inspiração em Dagmar Estermann Meyer e Marlucy Alves Paraiso (2012). As autoras propõem a metodologia "como um certo modo de perguntar, de

² O *Grindr* é um aplicativo de relacionamentos amorosos/sexuais, lançado em 2009, que funciona através da geolocalização por satélite. É possível criar contas de forma gratuita assim como versões pagas, tendo como diferença as possibilidades que cada uma oferece como, por exemplo, número de perfis visualizados, a presença ou não de anúncios, entre outros.

"Eu acho que crescendo nós vemos certos corpos e certas raças..."

interrogar, de formular questões e de construir problemas de pesquisa que é articulado a um conjunto de procedimentos de coleta de informações (...) e de estratégias de descrição e de análise" (MEYER; PARAÍSO, 2012, p. 16). Dessa forma, me aproximei do material para coletar e analisar dados – discursivos e não discursivos –, buscando não desvendar a verdade sobre esses sujeitos e/ou relações, mas problematizar como saberes vêm sendo (re)produzidos e emergindo em diferentes instâncias.

A produção teve duas temporadas realizadas e lançadas, com dez episódios no total, entre maio de 2018 e janeiro de 2019. Durante a primeira temporada a série teve como apresentador o ator Billy Francesca que traz alguns símbolos dissonantes daquilo que aprendemos a ler como "masculinos" em alguns contextos. O uso de maquiagens e roupas que comumente são enquadrados na fronteira do feminino se embaralham com sua barba e cabeça raspada. Na segunda temporada Arisce Wanzer, modelo e trans, assume o papel de mediadora e entrevistadora. É relevante destacar que a série foi encomendada pelo *Grindr*, e disponibilizada no canal *Into*³, como forma de trazer para a discussão discriminações que comumente ocorrem nas interações entre alguns de seus usuários. Dessa forma, diferentes debates são engendrados tocando temas como racismo, idade, identidade de gênero, entre outros. Também são saberes que se manifestam nas trocas de mensagens criando discursos, sujeitos, relações, assim como uma complexa teia em que alguns são vistos – e produzidos – como desejáveis enquanto outros como não. Assim de forma relacional vamos nos construindo em meio ao *online* e o *offline*.

Nos tornamos sujeitos e (re)construímos nossos saberes e relações em diálogos com diferentes processos e contextos. Dessa forma, a análise de artefatos culturais – em que aqui trago através de um vídeo produzido para/disponibilizado no *YouTube* – torna-se um potente caminho para nos debruçarmos e refletirmos acerca da nossa (re)construção, relações e grupos. Como/quais representações vêm sendo (re)construídas através da nossa sociedade, cultura e contexto em que vivemos? Podemos pensar no *Grindr*, assim como outros aplicativos, um meio para que alguns sujeitos possam relacionar-se, sexual e/ou afetivamente, sem o risco de homofobia. Ao produzir um artefato cultural, que educa com a

³ O canal *Into* (<https://www.youtube.com/channel/UCWPuCBWzfTIP3N4m8BNcRgA/videos>) faz parte de uma revista digital voltada para a comunidade LGBTQ+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais além das outras identidades contempladas pelo sinal de +) e criada pelo *Grindr*. Com o objetivo de produzir conteúdos relacionados a cultura, notícias e estilo de vida assuntos como, por exemplo, geração, racismos, relacionamentos, pornografia, identidade de gênero, entre outros são abordados através de diferentes abordagens. (Acesso em: 24/05/2020)

“Eu acho que crescendo nós vemos certos corpos e certas raças...”

história do outro que em tela é comumente fetichizado e/ou excluído, são reconhecidas a manifestação e disseminação de preconceitos e outras violências, bem como realizadas ações para que esses movimentos sejam pensados e ressignificados.

Stuart Hall (1997) destaca a importância que a cultura vem tomando em relação a estrutura e organização de nossa sociedade através de seus elementos dinâmicos e contingentes. A partir da segunda metade do século XX a cultura passou a se expandir e diversificar de uma maneira que até então não tinha sido pensada. Ela passou a ser considerada a partir do seu aspecto constitutivo em relação às subjetividades, identidades e, portanto, dos sujeitos.

(...) não devemos nos surpreender, então, que as lutas pelo poder deixem de ter uma forma simplesmente física e compulsiva para serem cada vez mais simbólicas e discursivas, e que o poder em si assuma, progressivamente, a forma de uma política cultural (HALL, 1997, p. 20).

Em meio a isso esse artigo está dividido em quatro momentos: a introdução em que explico a abordagem teórico-metodológica, o objeto de análise, a questão problema e a justificativa. Em seguida trago um levantamento de períodos sócio-histórico-culturais que nos ajudam a pensar sobre mecanismos que levaram a construção do sujeito e do desejo homossexual comumente atravessado pela via do sigilo e da “verdadeira masculinidade” como o “natural”, portanto caminho possível para construção de si enquanto sujeito e suas relações. Na terceira seção analiso trechos de um dos vídeos, da segunda temporada da série, em que Arisce recebe dois convidados, Troy e Evan, para discutir sobre suas interações no aplicativo. Apesar do vídeo ter como foco tipos de corpo, uma vez que Evan tem um porte atlético, com seu corpo musculoso e Troy é gordo, o debate nos leva para outras questões, nos possibilitando pensar nos diferentes marcadores sociais e questões que nos (re)constroem enquanto sujeitos. Por último trago os apontamentos finais.

Em meio a repressões, cerceamentos e possibilidades a construção do afeto/desejo homoafetivo

Reflexões acerca das diversas interações que ocorrem no modo *online* em um aplicativo de encontros, dizem não somente de experiências particulares, aquilo que aprendemos a enxergar como o natural desses espaços, sujeitos e relações que se desdobram. Há

“Eu acho que crescendo nós vemos certos corpos e certas raças...”

também condições sócio-histórico-culturais que vêm frequentemente construindo sujeitos não-heterossexuais como pessoas patológicas, com práticas e desejos “não naturais”, engendrando, dessa forma, modos de se relacionar, de (re)construir seus desejos, sua sexualidade. O modo de buscar relacionamentos entre alguns sujeitos homossexuais está relacionado a estratégias e resistências devido às condições de marginalização instituídas moralmente e que os mesmos vêm sendo colocados (PERLONGHER, 2008). Uma vez que lhes é negada, através de diferentes maneiras⁴, a sua própria humanização, a socialização e construção de relacionamentos, assim como a dos desejos, acaba comumente tendo como desdobramentos outros meios e brechas. Os corpos, os sujeitos e desejos vão se (re)constituindo em meio a negociações, disputas e resistências, fazendo com que alguns desses sujeitos passem a se movimentar pelos “pontos de fuga libidinal”:

(...) onde “as paixões, instintos e apetites, incontrolados e indisciplinados”, os “impulsos selvagens”, reprimidos e sublimados na ordem urbana da normalidade, encontrariam vazão. Simultaneamente, esses desejos proscritos, desterrados do corpo social, seriam reconhecidos, classificados, controlados, “reterritorializados”, na válvula de escape da “região moral”. (PERLONGHER, 2008, p. 185).

As construções acerca das sexualidades se dão a partir de diversas condições. Ao cunhar o termo “dispositivo da sexualidade” Michel Foucault (1979, p. 244) defendia que esse era o meio pelo qual a sexualidade é produzida e administrada. Assim como a forma pela qual o ato sexual é disciplinado. O dispositivo diz de um conjunto heterogêneo que abarca “discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas”. O dito e o não dito são os elementos do dispositivo, ou seja, a rede que é possível estabelecer entre esses elementos. Assim, em meio ao “dispositivo da sexualidade” e os “pontos de fuga libidinal” proponho pensarmos que diversas ações pedagógicas constroem alguns sujeitos e práticas como ilegítimas enquanto outros produzem a ideia da possível aproximação do imaginário hegemônico, heteronormativo, “natural” e “desejável”.

⁴ Dentre algumas ações que aludem a forma como LGBT+ são discriminados/as podemos pensar sobre: o casamento homoafetivo sendo legalizado somente no ano de 2013, a doação de sangue por homossexuais sendo permitida somente no ano de 2020, a homossexualidade figurando como doença, na lista internacional da Organização Mundial de Saúde (OMS) até o ano de 1990 e a transexualidade até o ano de 2019, entre outras.

"Eu acho que crescendo nós vemos certos corpos e certas raças..."

Quando pensamos na história do movimento LGBTQ+ é possível afirmar que muito do que foi dito e construído sobre esses sujeitos se deu a partir de diferentes discursos, instituições, leis, entre outras dimensões. Richard Miskolci (2014a) chama atenção para o surgimento e auge da epidemia de AIDS (Síndrome da Imunodeficiência Adquirida) no decorrer da década de 1980, quando o medo de se contaminar levou a uma normatização da procura por parceiros discretos, que não denotassem a imagem estigmatizada do homossexual. Imaginava-se que aqueles que não frequentassem os espaços gays seriam os com menor probabilidade de contaminação com o vírus HIV (Vírus da Imunodeficiência Humana). Se reconfigurava o processo de (re)construção e legitimação de corpos e valores a partir de um discurso patológico e reduzido aos sujeitos homossexuais – a doença chegou a ser nomeada como "câncer gay" e *GRID* (*Gay-related immune deficiency* – Deficiência imunológica relacionada aos gays). Passa-se a dar ênfase a corpos musculosos como sinônimo de corpos saudáveis – dado em partes pela utilização de anabolizantes no tratamento de pacientes com HIV-Aids e o surgimento das academias de musculação. Ainda podemos aludir às restrições sociais que contribuíram para moldar as noções de moral e valores, levando ao engendramento de classificações contemporâneas tais como "sarado", "fora do meio" e "discreto"⁵.

Ao longo desses períodos, vimos vivenciando permanências e rupturas, assim como reconfigurações que novas tecnologias como as redes sociais, a *web 2.0* e os dispositivos móveis vêm trazendo a forma como nos relacionamos, comunicamos, procuramos parceiros, nos (re)construímos enquanto sujeitos, bem como aos/às outros/as. Disputas e (re)configurações se dão de forma dinâmica, constante e contingente quando pensamos que passamos das cartas e classificados de jornais – o que poderia levar meses entre a postagem e a resposta para que um encontro fosse marcado – como meio de comunicação para a busca de parceiros e passamos a ter com aplicativos como, por exemplo, o *Grindr* a possibilidade de interações e encontros mais frequentes.

João Paulo Ferreira da Silva (2017) pode perceber em sua pesquisa, ao analisar seções do jornal *Lampião da Esquina*⁶ e perfis do

⁵ "Sarado", "discreto" e "fora do meio" foram termos engendrados no auge da epidemia HIV-Aids para se referir a sujeitos homossexuais que eram lidos como saudáveis e/ou heterossexuais. São termos que, segundo Richard Miskolci (2014b), possibilitaram, através do ocultamento, evitar violências físicas e simbólicas, e ainda se manifestam nas interações de usuários de aplicativos de encontros amorosos/sexuais.

⁶ O *Lampião da Esquina* foi um jornal nacional, fundado em 1978, voltado para o público homossexual. Suas colunas tratavam de assuntos como, por exemplo, cinema, literatura, eventos e a

"Eu acho que crescendo nós vemos certos corpos e certas raças..."

aplicativo *Hornet*⁷, que a busca por parceiros discretos foi algo comum a ambos os períodos. O que seria (re)produzido pela repressão da Ditadura Civil-Militar – referente ao primeiro período – e a epidemia HIV-Aids – tocante ao segundo momento. Segundo Silva (2017), os acontecimentos supracitados proporcionaram uma pedagogia dos corpos, levando a legitimação de alguns em detrimento de outros. A partir da (re)criação de uma norma para esses corpos e algumas performances de masculinidades sobre o homossexual discreto/fora do meio vem (re)construindo-se relacionalmente aqueles não desejáveis e/ou pelo menos não possíveis de se assumir, que em partes teriam em seus corpos, trejeitos, falas e outros elementos do "feminino" ou de outras características que se distanciam da ideia de belo, de sucesso, de respeito.

Construindo-se, e outras possibilidades, em meio a mensagens, disputas e saberes

No vídeo, que tem como título *Gay Guys Swap Grindr Profiles Based On Body Type*⁸ (*Homens Gays Trocam Perfis do Grindr Baseados em Tipos Corporais* – em uma tradução livre), Evan e Troy participam da experiência. Evan é um homem cisgênero, negro, de 34 anos, musculoso e com cabelos longos. Troy é um homem cisgênero, branco, com unhas pintadas, um "*homem gay de tamanho*" – como ele se intitula em sua apresentação devido ao seu peso e tipo corporal. Ambos também trazem relatos sobre suas experiências em aplicativos de relacionamentos amorosos/sexuais. "*Principalmente se for somente uma pegação as pessoas chegam dizendo 'Eu adoro caras grandes.'*", diz Troy. Evan destaca que as mensagens que comumente recebe são direcionadas ao seu corpo como, por exemplo, "*Seu corpo é maravilhoso.*" e "*Seu corpo é delicioso.*". "*As abordagens não tão boas envolvem fetichizações, sabe, como 'Oh meu Deus, eu adoro chocolate.'*", ele complementa apontando que as interações têm seus altos e baixos.

Alguns elementos do vídeo nos convidam a pensar sobre a potência do espaço *online* em dar evidência a outras vozes. Trazer um homem negro com cabelos longos e um homem gordo de

troca de cartas entre seus leitores. Foi assim uma forma de construir um discurso que se contrapunha ao imaginário patológico, criminoso e pecaminoso que foi atribuído a homossexualidade, em parte pela psiquiatria.

⁷ O *Hornet*, assim como o *Grindr*, é um aplicativo de relacionamentos amorosos/sexuais, que funciona através da geolocalização por satélite. Seu lançamento foi realizado em 2011 sendo também possível criar contas de forma gratuita ou versões pagas.

⁸ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Fda3g3TbHMQ> (Acesso em: 04/05/2020).

"Eu acho que crescendo nós vemos certos corpos e certas raças..."

unhas pintadas para discussão de suas experiências no aplicativo pode desencadear diferentes processos na formação de subjetividades não somente dos participantes, mas também daqueles/as que venham a consumir o conteúdo produzido. Formas de contestar o que vem sendo reiterado através de parte da história mais recente como a "real" beleza do homem, aquilo que nos é ensinado – seja pela mídia, família, escola, entre outros – como o "natural", o "masculino". Segundo Judith Butler (2003), através da regularização da sexualidade, a partir da heterossexualidade, passamos a assumir o gênero como algo natural, dado. A matriz heterossexual estabelece correspondências binárias que são apresentadas como coerentes, fazendo com que a heterossexualidade se torne a fonte de referência legitimada para construção e naturalização dos desejos, sexos e práticas sexuais. Dessa forma o construir-se homem também está comumente relacionado a uma fronteira demarcada e constantemente reforçada. Limitadas possibilidades, como, por exemplo, tipos de cortes de cabelo, vestimentas, trejeitos e tom de voz.

Se o gênero é construído, poderia sê-lo diferentemente, ou sua característica de construção implica alguma forma de determinismo social que exclui a possibilidade de agência ou transformação? (...) Em algumas explicações, a ideia de que o gênero é construído sugere certo determinismo de significados do gênero, inscritos em corpos anatomicamente diferenciados, sendo esses corpos compreendidos como recipientes passivos de uma lei cultural inexorável. Quando a "cultura" relevante que "constrói" o gênero é compreendida nos termos dessa lei ou conjunto de leis, tem-se a impressão de que o gênero é tão determinado e tão fixo quanto na formulação de que a biologia é o destino. Nesse caso, não a biologia, mas a cultura se torna o destino. (BUTLER, 2003, p. 26)

Troy e Evan assim nos convidam a quebrar tal lógica, pela sua orientação sexual, mas também pela maneira como se produzem e se apresentam, mostrando que não são produtos de uma essência, algo dado como o "homem de verdade", o "coerente" – e portanto desejável – que aqui problematizo como aquele que aprende a se tornar violento física e simbolicamente, que deve gostar somente de elementos e atividades "masculinos" como, por exemplo, futebol, lutas, corridas, falar grosso, entre outras performances⁹. Há elementos de subversão que quebram com a lógica binária, resistências que exploram frestas, constroem rupturas,

⁹ Segundo Judith Butler (2003), performances de gênero são atos reiterados e empregadas ao social que levam a "produção" dos gêneros e daquilo que entendemos enquanto masculino e feminino.

"Eu acho que crescendo nós vemos certos corpos e certas raças..."

possibilidades e descontinuidades para a (re)construção de outras masculinidades e desejos. Ações – conscientes e inconscientes – que contestam aquilo que aprendemos a ver como o natural, uma vez que "a essência ou identidade (...) são *fabricações* manufaturadas e sustentadas por signos corpóreos e outros meios discursivos." (BUTLER, 2003).

Em meio às entrevistas com os dois participantes, Arisce Wanzer surge entrevistando pessoas na rua, buscando novos contextos através de transeuntes. "*Você já foi fetichizado em aplicativos de encontros?*", ela pergunta a um dos entrevistados. "*As pessoas podem ser esquisitas. Um cara recentemente me mandou uma mensagem dizendo 'Eu vou te dar 50 dólares se você...' basicamente Crisco¹⁰. Tinha a ver com Crisco e um punho. É tudo que eu vou dizer.*", ele relata em meio a gargalhadas. A conversa se dá de forma descontraída, mas mostra através do humor que tal prática não é vista como algo comum a ponto de causar uma mudança de tom entre Arisce e o entrevistado. Falar sobre fisting, e outras práticas/sujeitos "dissidentes", em um contexto no qual os discursos sobre os mesmos são (re)produzidos de forma não estigmatizada, poder dar outro tom a tais práticas sexuais e assim construir outros sentidos sobre os mesmos.

A forma como aprendemos a viver nossa sexualidade diz de construções e discursos investidos sobre as mesmas através de processos sócio-histórico-culturais. Tais discursos estão alinhados com os jogos de poder no qual a forma como enxergamos a sexualidade vem sendo (re)construída, segundo os padrões do contexto em qual se encontra inserida. O investimento na normatização das práticas sexuais se dá, uma vez que intentam o controle da via social e política através do controle do corpo e também da sexualidade (FOUCAULT, 1988). Dessa forma, em uma sociedade em que a prática fosse vista com outros olhares, podemos nos questionar quais efeitos se manifestariam em nossas relações. Em uma conjuntura na qual o discurso acerca do fisting é (re)construído de forma estigmatizada e pejorativa é comum que ele seja considerado da mesma maneira pelos sujeitos em suas diferentes relações. Podemos pensar que esses discursos – e tantos outros, como por exemplo, a ideia de que o gay afeminado, promíscuo não é desejável e/ou respeitável, de que o gay negro seja somente ativo e hiper masculinizado, entre outros – também nos constroem enquanto sujeitos, nossos desejos, "gostos pessoais". Assim, de forma relacional vimos aprendendo a construir o sujeito

¹⁰ *Crisco* é uma gordura vegetal, utilizada para preparação de alguns pratos culinários.

"Eu acho que crescendo nós vemos certos corpos e certas raças..."

homossexual que se aproxima do "homem de verdade" como a única e limitada opção para os relacionamentos amorosos/sexuais e para a construção de si enquanto sujeito – ao menos em um ambiente público.

Após esse momento inicial Evan e Troy trocam de celulares para que possam observar os perfis um do outro. Troy e Arisce se deparam com uma foto em que Evan se encontra somente de cueca com os músculos à mostra. Comentários exaltando a forma física de Evan surgem como, por exemplo, "*Ele é super gostoso.*", diz Troy de forma descontraída. "*Tudo bem, Evan. Você tem mesmo 34 anos ou está mentindo?*" Arisce pergunta surpresa, pois imaginava que ele fosse mais novo. Mesmo com seus cabelos compridos, Evan ainda cumpre com parte significativa dos atributos tidos como masculinos em parte de nossa cultura, sociedade, mídias. Sua voz é grossa, corpo musculoso, com braços fortes e a foto que consta em seu perfil do Grindr parece parte de uma campanha publicitária de roupas de baixo. Em meio às brincadeiras que trazem um tom leve ao debate as interações e reações dos entrevistados e da entrevistadora ilustram aquilo que vem sendo ensinado como o belo, saudável, masculino, portanto comumente desejável nessa relação.

Assim, os padrões de masculinidade, assim como os regimes eróticos, variam conforme seu contexto sócio-histórico-cultural, os interesses coletivos (MISKOLCI, 2013) e as relações de poder-saber estabelecidas. Isso nos convoca a pensar sobre a construção do desejo, dos padrões de beleza. Nos faz distanciar de pressupostos biologizantes. Podemos ainda inferir que são padrões, assim como somos sujeitos, em constante (re)construção, tencionamento e negociação. Para Elisabeth Badinter (1993), os estudos sobre as masculinidades – também conhecido como *men's studies* – é um movimento que passou a reconhecer e discutir a pluralidade da categoria homem. Ao reconhecer os diferentes marcadores que constituem esse sujeito como, por exemplo, classe, raça, religião, nacionalidade, geração, entre outros, passou-se a um distanciamento da categoria homem enquanto ser universal e assumi-lo a partir de sua diversidade e plasticidade.

Em seguida Troy explicita que a primeira coisa que ele observa é a foto, mas que seu interesse pode mudar após analisar o perfil da pessoa. "*Eu tenho um tipo que não tenho interesse. Se esse perfil dissesse 'Somente masculinos!' e 'Não curto gordos!' e 'Não curto femininos!' isso é algo que me afasta, me faz perder o interesse.*". Diferentes discursos vêm ganhando espaços, possibilitando que

"Eu acho que crescendo nós vemos certos corpos e certas raças..."

mudanças ocorram e possam ser notadas em alguns contextos pelo borramento das fronteiras de gênero e das discussões e (re)produções sobre gênero e sexualidade. Entretanto ainda há um elevado número de discursos – decorrentes de parte da mídia, religião, entre outros – que retratam homens e mulheres de forma estereotipada, a partir de suposições biologizantes, que buscam nos enquadrar em papéis limitados e binários.

Diferentes discursos se proliferam e coexistem nas interações dos usuários do *Grindr* – assim como em outros aplicativos de relacionamentos amorosos/sexuais e/ou redes sociais. Pensar sobre os discursos diz de nos distanciarmos de ideias essencialistas e generalizantes sobre aqueles que os produzem, pois eles representam permanências, rupturas e condições de emergência. Dizem de uma cultura e diferentes processos pelos quais nossa sociedade e relações vêm passando, pois "o sujeito da linguagem não é um sujeito em si, idealizado, essencial, origem inarredável do sentido: ele é ao mesmo tempo falante e falado, porque através dele outros ditos se dizem." (FISCHER, 2001, P. 205). A (re)construção da masculinidade durante anos se deu – e ainda se dá em alguns contextos – através da recusa àquilo que aprendemos a ver como traços do feminino, da infância e do homossexual (BADINTER, 1993). Aproximar-se dessas fronteiras é como se distanciar do "homem de verdade", aquilo que foi ensinado hierarquicamente como referência, "superior" – estereótipos construídos e reforçados através de diferentes discursos. A iniciativa da série diz assim de um investimento que busca debater aquilo que aprendemos a enxergar como o belo, desejável e "natural" como algo único e propõe pensarmos nas multiplicidades e (re)construções como possibilidades. As frases evocadas por Troy sobre o tipo de perfil que ele não gosta são reflexos de como parte dos discursos e das subjetividades vêm sendo (re)construídos.

A conversa passa para questionamentos sobre que tipo de mensagens Evan comumente recebe em seu perfil. A fetichização é algo que ambos percebem em algumas interações. *"Eu acho que se você pensa em fetiches de uma forma geral, especialmente quando vem de algo relacionado ao corpo ou a raça de alguém é sempre um sentimento de culpa enraizado de querer estar com algo relacionado, levando a se tornar um fetiche, uma obsessão."*, diz Troy. *"Um tabu."*, Evan complementa. Somos (re)construídos enquanto sujeitos em múltiplos contextos que apresentarão suas variações. Pensar como as representações sociais vêm sendo engendradas podem nos ajudar a criar olhares outros, pautados em diversidades e humanidades, para questões que aprendemos

“Eu acho que crescendo nós vemos certos corpos e certas raças...”

a ver a partir de um imaginário social, comumente atravessadas por estigmas e universalidades. As masculinidades negras vêm, através de diferentes elementos como, por exemplo, músicas sendo (re)construídas em meio a estereótipos sexuais. Segundo Henrique Restier da Costa Souza (2017), as canções podem ser um objeto potente para obter uma série de perspectivas para pensar as dinâmicas de poder, hierarquias, desigualdades, conflitos dentre outras questões. Processos que comumente levaram a (re)construção do homem negro através de uma representação negativa, atravessada por estereótipos e subalternização. A construção do “outro” como aquele que apresenta algo errado, perigoso, quase – e às vezes como se fosse – contagioso também diz da produção da “norma”, da masculinidade hegemônica, que comumente é feita tendo como referência o homem cisgênero, branco, heterossexual, neoliberal, monogâmico e cristão.

Raewyn Connell (1995) discute sobre dois aspectos para pensarmos sobre a (re)construção das masculinidades. Como primeiro ponto ela destaca que por mais que haja uma forma hegemônica de masculinidade em determinada conjuntura, outras possibilidades se encontram agrupadas ao seu redor, uma vez que as masculinidades são (re)produzidas de múltiplas maneiras no mesmo contexto social. Ela ainda diz que “qualquer forma particular de masculinidade é, ela própria, internamente complexa e até mesmo contraditória.” (*Ibidem*, p. 189), uma vez que é possível encontrar o que aprendemos a ler como atributos “femininos” em homens e vice-versa. Assim, podemos inferir que a masculinidade hegemônica não é algo dado, universal, *a priori*, mas uma configuração de prática de gênero que é legitimada em determinado contexto (CONNELL, 2005). Portanto suas configurações apresentarão variações em seus diferentes cenários, sejam eles sociais, culturais e/ou históricos.

“Se eu já recebi algum tipo de mensagem ruim foi quando eu não estava apresentando a minha atual versão. A versão que ama, aprecia e valoriza a mim mesmo. Eu acho que tem a ver comigo, como eu cresci e venho aprendendo a amar a mim mesmo. Mas também acho que tem a ver com como nós estamos acordando agora e percebendo que não podemos tratar as pessoas dessa maneira... acho que estamos vendo uma mudança em como nós somos... mas ainda estamos mudando...”. Troy diz. Mudanças são reflexos de debates, lutas de sujeitos que comumente foram (re)produzidos como abjetos, renegados pela sociedade. João Paulo Ferreira da Silva (2017) destaca a Revolução Sexual como um importante momento em que discussões políticas e sociais

"Eu acho que crescendo nós vemos certos corpos e certas raças..."

ocorreram, especialmente nas décadas de 1960 e 1970. Debates sobre a legalização do aborto, nudez em público, a invenção de métodos contraceptivos, assim como relações fora do casamento e outras formas de relação não normativas foram importantes tópicos que marcaram as gerações que viriam a seguir. É importante destacar o papel dos meios de comunicação, em especial o rádio e a televisão, que possibilitaram a difusão e aumento da amplitude dessas informações. Entretanto, em meio a isso também houve, em meios de comunicação gay como, por exemplo, O Lampião, a recorrência de um modelo de masculinidade. "Dos anos 1979 a 1981 o desejo homoerótico mais prevalente nos classificados apontava para uma masculinidade viril, atlética, morena, alta, ativa, bonita, jovem e discreta." (SILVA, 2017, p. 65). Podemos pensar nesse aspecto como um indicativo de como parte dos sujeitos homossexuais vinham se construindo em meio aos valores e condições da época que coincidia com a Ditadura Civil-Militar perpassada por momentos de violência e insegurança.

Em outro momento da conversa Evan relata uma experiência vivida nos mostrando como o processo de construção das identidades e subjetividades é dada na interação entre o eu e a sociedade – sendo comparadas a outras identidades ou relacionadas às diferenças (HALL, 2000). *"Eu estava andando pelo Boulevard Santa Monica e eu vi esse cara, ele era bonito. Ele era provavelmente da minha altura, loiro, ótimo corpo e eu imediatamente pensei: 'Esse cara é um idiota.' Mas então eu me peguei questionando o por que estava pensando aquilo. Eu acho que crescendo nós vemos certos corpos e certas raças tendo mais exposição e atenção e você pensa: 'Ah isso que é beleza, com isso que você precisa se parecer.'"* Ter a beleza legitimada, estar próximo à "beleza natural" nos posiciona nas relações de certa forma, assim como faz com aqueles que não estão em compasso com aquilo que aprendemos a ver como o belo. Através dos processos que vêm (re)construindo o belo em parte da comunidade homossexual também vem sendo (re)produzidas condições de emergência dos desejos. O que se pode desejar? O que se torna o nosso "gosto pessoal"? Para Richard Miskolci (2016) diferentes marcadores como, por exemplo, classe, raça, geração e também atributos que aprendemos a atribuir como "masculinos" tendem a (re)produzir uma hierarquia entre os sujeitos, (re)produzindo valores e saberes para a (re)construção do sujeito homossexual, sua comunidade e suas relações.

“Eu acho que crescendo nós vemos certos corpos e certas raças...”

Se encaminhando para o final do debate, Arisce chama atenção para a obsessão que aprendemos a estabelecer com corpos e a nossa aparência. *“Por que vocês acham que somos tão cruéis uns com os outros?”*, ela os pergunta. *“Eu frequentemente me questiono como combater algo que também é aquilo que você colocou em um pedestal. Gays valorizam corpos, no geral, valorizam mais que caráter.”*, Evan diz. *“Eu acho que muito disso surge da masculinidade tóxica, dessa ideia de que para ser considerado um homem de verdade você deve ter certa aparência, e então o que os homens fazem em meio a isso? Eles comparam uns aos outros, mas esses são os mais frágeis.”*

Somos sujeitos de momentos históricos, em meio a diferentes culturas, contextos, dialogando e negociando saberes e relações. Discursos sobre a sexualidade são produzidos, levando a criação de saberes, como se revelassem nossa verdade (FOUCAULT, 1988). Entretanto, o que passamos a entender como sendo o nosso lado sexual também é uma construção que surge a partir da emergência do conceito de sexualidade. Pensar na forma como sujeitos homossexuais aprendem a se (re)construir também perpassa por nos debruçarmos sobre os processos que vêm os (re)constituindo, saberes que vêm sendo ensinados reiteradamente e quais possibilidades vem se tornando possíveis para cada contexto em meio a resistências, disputas e negociações. Diz do processo de se separar de pressuposições essencialistas, uma vez que ao anúncio do “sexo” já passamos por diversos investimentos que nos (re)produzem e posicionam nas relações com possibilidades comumente demarcadas. O “sexo”, segundo Butler (2007, p. 155), “é uma das normas pelas quais o ‘alguém se torna viável, é aquilo que qualifica um corpo para a vida no interior do domínio da inteligibilidade cultural.”.

Considerações finais

Podemos assim problematizar a forma como aprendemos a construir nossos desejos, valores e preferências pessoais. Em meio a isso vamos nos (re)construindo, passando comumente pela heteronormatividade como a forma “natural”, a “correta” de se viver, uma vez que junto a ela cria-se a ideia de aceitação, de ser desejado, de ser visto como próximo ao “normal”, ao “homem de verdade”, assim como a ideia de sucesso que a sociedade capitalista vêm atuando através de sua (re)construção e reiteração. Os aplicativos de relacionamentos amorosos/sexuais moldam-se à/moldam diferentes dinâmicas que nos possibilitam

"Eu acho que crescendo nós vemos certos corpos e certas raças..."

(re)construir nossos desejos sexuais e afetivos, bem como modos/etiquetas de comunicação para lidar com tais interações e sujeitos em meio a velocidade e dinamicidade da vida contemporânea – somado ao chamado e constante lembrança de sermos felizes constantemente (PELÚCIO, 2016).

Quais possibilidades podemos encontrar nas análises acerca das interações em um aplicativo de encontros amorosos/sexuais entre homens? De certo, as mesmas são variáveis e passíveis de mudanças, fazendo com que esse trabalho não tenha como objetivo dar conta de atingir uma totalidade – até mesmo por criticar a ideia de universalidades e generalizações. O que se propõe aqui é problematizar a construção do desejo. Como aprendemos, de forma relacional, a atribuir o belo e o não belo? O desejável e o não desejável? Quais relações têm sido comuns em parte da comunidade homossexual e quais são os efeitos que as mesmas causam em nossa sociedade e a nós mesmos enquanto sujeitos? Como nos (re)construímos e/ou resistimos as mesmas? Proponho assim pensarmos o desejo, as "preferências pessoais" como motor cultural (FERREIRA; MISKOLCI, 2018), construído, portanto com suas variações sócio-histórico-culturais. Dar visibilidade a outras masculinidades como sujeitos trans, negros, gordos, afeminados, entre outros, diz de criar discursos que trazem como possibilidades afetividades aos mesmos e a (re)construção sobre os olhares e saberes que a sociedade vem ensinando.

Referências bibliográficas

BADINTER, Elisabeth. XY Sobre a identidade masculina. 2ª ed. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1993.

BUTLER, Judith. Problemas de Gênero: Feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2003.

BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do "sexo". In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). O corpo educado: pedagogias da sexualidade. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Belo Horizonte: Autêntica, 2007. p. 151-172

CONNELL, Raewyn. Políticas da masculinidade. Educação & Realidade. Rio de Janeiro, 1995. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/1224>> Acesso em: 20/05/2020.

_____. Masculinities. 2º ed. Berkeley: University of California Press, 2005.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Foucault e a análise do discurso em educação. Cadernos de Pesquisa, n.114, p. 197-223, nov. 2001.

FOUCAULT, Michel. Microfísica do poder. 21. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

"Eu acho que crescendo nós vemos certos corpos e certas raças..."

_____. História da Sexualidade I: a vontade de saber. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FERREIRA, João Paulo; MISKOLCI, Richard. O desejo homossexual após a AIDS: uma análise sobre os critérios acionados por homens na busca por parceiros do mesmo sexo. *Ciência & Saúde Coletiva*, n. 25 (3), p. 999-1010, 2018.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. In: *Educação & Realidade*. jul/dez. 1997. p. 15-46.

HALL, Stuart. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. SILVA, Tomaz Tadeu da. (org.), HALL, Stuart, WOODWARD, Kathryn. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marluce Alves. Metodologias de Pesquisas Pós-Críticas em Educação. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012.

MISKOLCI, Richard. Networks of desire: the specter of AIDS and the use of digital media in the quest for secret same-sex relations in São Paulo. In: *Vibrant, Virtual Braz. Anthr.*, Brasília, v. 10, n. 1, p. 40-70, 2013.

_____. San Francisco e a nova economia do desejo. In: *Lua Nova*. São Paulo, v. 91, p. 269-295. 2014a.

_____. Negociando visibilidades: segredo e desejo em relações homoeróticas masculinas criadas por mídias digitais. *Bagoas – Estudos gays, gêneros e sexualidades*, 8(11):51-78. 2014b. Disponível em: <http://www.periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/6543>. Acesso em: 27/05/2020

_____. Estranhos no paraíso: notas sobre os usos de aplicativos de busca de parceiros sexuais em San Francisco. *Cadernos Pagu*, n. 47, 2016.

PELÚCIO, Larissa. Afetos, mercados e masculinidades contemporâneas: notas iniciais de uma pesquisa em aplicativos móveis para relacionamentos afetivos/sexuais. *Contemporânea*, v. 6, n. 2, jul.-dez., p. 309-333, 2016.

PERLONGHER, Nesthor. O negócio do michê: a prostituição viril em São Paulo. São Paulo: Editora Perseu Abramo, 2008.

SILVA, João Paulo Ferreira da. Desejos comodificados: dos classificados aos perfis nos aplicativos na busca por parceiros do mesmo sexo, 2017. São Carlos, UFSCAR, 2017. 194 p. (Dissertação, Mestrado em Sociologia)

SOUZA, Henrique Restier da Costa Souza. LÁ VEM O NEGÃO: DISCURSOS E ESTEREÓTIPOS SEXUAIS SOBRE OS HOMENS NEGROS. In: *13º Mundo de Mulheres e Fazendo Gênero 11*, 2017. Florianópolis. Anais Eletrônicos... Florianópolis, 2017. p. 1-12. Disponível em: http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1499020802_ARQUIVO_LAVEMONEGAOFINAL.pdf>. Acesso em: 21/05/2020.